

Campbell Rendez-vous

Pedro Ferreira

É engraçada a forma como divagamos, em qualquer lugar, a qualquer momento, pensamos em qualquer coisa, independentemente da pessoa que segue ao nosso lado. Gostamos de pensar, de analisar, de prever e lançar hipóteses. Somos um ser que vive tanto da auto análise quanto do ar. Não penso que Descartes tenha alguma vez concebido a forma como aquilo que teorizou viria a pautar a vida das gerações vindouras pois, a partir daí, todos os que nasceram fizeram-no sob o signo do «Penso, logo existo».

O que evidencia como dom, o ser humano carrega como fado - a razão.

Gabriel, nome de profeta ou anjo mensageiro.

Quando começou a escrever, não sabia ainda a forma como seria, de facto, um profeta; ou o que iria ele profetizar.

Começou a escrever não tão cedo como alguns, mas não tão tarde como outros. A primeira vez que se sentou a uma mesa e decidiu escrever tinha, se bem se lembrava, 21 anos. Para ele, esta idade não teve nada de precoce; já há muito sentia, não uma necessidade de escrever, mas uma curiosidade em fazê-lo. Sem dúvida, uma curiosidade. Acalmava-o a sensação de escrever, essa cristalização em palavras dos seus pensamentos - a aurora da palavra. Achava curiosa a forma como podia servir-se de todo o tipo de artifícios para descrever o seu mundo e todos aqueles que quisesse; a manipulação do tempo, a manipulação do espaço, mesmo algo que ele não conseguia em carne e osso, mas que realizava no papel - uma interligação de mentes, uma flutuação de pensamentos de personagem para personagem. Agradava-lhe concretizar no papel aquilo que não fazia no seu mundo, aquele que não dependia apenas do papel e caneta.

*

«Quando o Diogo descia a Old Compton Street, ao lado da Sara, fazia não outra coisa senão pensar. Pensava na sua vida, completamente abstraído do chão peganhento que pisava. Se tivesse doado algum do seu tempo a tentar descobrir o que fazia deste pavimento londrino uma matéria dura e aderente, teria rapidamente chegado à conclusão que era cerveja. Os ingleses gostam da sua *pint*.

O chão estava peganhento, e o sol iluminava o Soho.

A Sara e os seus lustrosos cabelos pretos acompanhavam-no.

Também ela pensava. Pensava na forma verdadeiramente estranha como o tempo nunca lhe chegava para fazer tudo o que queria; não porque tivesse planeado e não tido tempo, mas porque este passava por si e pelo Diogo, fluindo como um rio que todos quer arrastar. Achava ela, se olhasse dissimuladamente para o seu relógio veria os ponteiros a rodar fervorosamente.

Olhou para o outro lado da rua e viu a *Pâtisserie Valerie*, de proprietários húngaros e lascivos doces, um daqueles locais que os gulosos entre nós aconselham os demais a visitar, caso alguma vez vão a Londres. Mais um sítio a que gostaria ter ido e não foi. Sentia que agora era tarde demais para avisar o Diogo da esquiva oportunidade que tinha acabado de passar. A entrada triunfal num local de referência tem de partir do impulso, não da vontade. Agora passada, a *Pâtisserie* ficaria por visitar e desfrutar.

Era ainda muito cedo para entrar no *Wheeler's* - acabavam de passar ao seu lado -, um daqueles restaurantes a quem a indulgente fama tirou todo o sentido de pitoresco.

Nenhum deles era o tipo de pessoa que entraria no restaurante para tomar um café, apenas com vista a permanecer na mesa para o almoço. Não eram minimamente mesquinhos. Como a Sara decidiu que não começariam nesse instante, continuaram a descer a rua até encontrarem Charing Cross Road, pelo que viraram à direita e desceram-na.

Descrita como um santuário para os amantes de livros, esta rua é larga e ladeada por lojas de todo o género. Abundam as livrarias, pequenas e grandes, mas também os locais preferidos a quem a missão seja comprar os mais recentes lançamentos cinematográficos em DVDs gravados. A música também por lá existe, e não é difícil a qualquer um encontrar quer as mais recentes batidas, quer os sons que há 30 anos faziam as massas dançar. Esta é uma verdadeira Meca da cultura, na qual nos podemos gentilmente afogar.

Passando por Cecil Court, uma pequena rua - a Sara descrevê-la-ia mais facilmente como uma transversal - onde se negociam livros antigos e outros artigos

igualmente interessantes, o Diogo justificou uma das razões que o tinham trazido a Londres - comprar livros que não encontrava de forma alguma em Portugal.

Passada uma hora e meia, chegaram a Trafalgar Square.

Não seria justo às emoções mútuas do Diogo e da Sara descrever Trafalgar Square como um campo de batalha, mas certamente não era tão turisticamente impecável como os guias levariam a pensar. Pelo menos não nesse dia.

No extremo norte da praça, onde ambos se encontravam, um conjunto limitado de escavadoras dilaceravam todo o chão que conseguiam, como pequenas e atarefadas abelhinhas, tornando a paisagem - de outra forma romanesca - em algo que muito se assemelhava a uma zona desmilitarizada.

No epicentro da praça, a coluna que suportava a estátua do almirante Lord Nelson estava metaforicamente guardada por quatro enormes leões, feitos de uma qualquer liga metálica que nenhum deles se interessou em saber qual era. O almirante, com a sua espada desembainhada, olhava para o sul, vislumbrando um magnificente Big Ben e o anexo Parlamento.

Desmotivados por toda essa tumultuosa desordem, não avançaram para o interior de Trafalgar Square, mas sentaram-se na escadaria da National Gallery.

Ambos eram assíduos amantes de arte, daquelas pessoas que genuinamente vão a museus e galerias pelo puro prazer de apreciar a obra de um qualquer artista esforçado. Certamente cada um pelas suas próprias razões, mas o envolvimento que é possível sentir ao olhar estaticamente uma obra de arte era comum a ambos. No entanto, nesse momento, nessa manhã, nenhum deles estava com essa disposição presente. Queriam entrar na National Gallery, mas noutra altura. Por tal, não necessitaram discutir planos imediatos ou trocar olhares, sentaram-se apenas nas escadas de pedra, em sincronia já de si própria.

«Já começa a ficar cansada?» perguntou o Diogo, algures entre um sorriso e o seu característico gesto de, com um toque mínimo, tirar o cabelo dos olhos. «Hhmm... não, ainda não», respondeu ela de forma distraída. Olhava para longe, da mesma forma que alguém que não vive para o contacto com os outros, mas apenas para preencher o vazio do seu mundo interior com metáforas e recordações de paisagens.»

De uma forma fervorosamente calma, o Gabriel escreveu as linhas que antecedem estas. Estava literalmente inebriado com a sua revelação, aquela por que era responsável. Trouxera ao mundo dois seres completamente novos, e sentia agora a obrigação de lhes anunciar a sua chegada. Ele é o mensageiro do Diogo, o mensageiro da Sara, aquele que lhes trará os ditames das suas vidas, a expressão das

vontades divinas, que neste caso jorram só e apenas da sua caneta.

Sentia a compulsão da generosidade, bem como a tentação da crueldade. Sabia que poderia fazer dos destinos do Diogo e Sara aquilo que bem entendesse, e essa assunção trazia-lhe um prazer desconhecido, um prazer que rastejava e dominava, sufocando gentilmente as mentes incautas.

Tentando por um momento abstrair-se da sua tumultuosa glória, pensou como conduziria daí o seu conto. Voltou a segurar a caneta que tinha pousado há momentos, e escreveu.

«Após uma breve discussão acerca do que fazer no restante dia, decidiram almoçar numa casinha de saladas por onde tinham passado em Charing Cross Road, após o que rumariam em direcção ao Tamisa para o trajecto turístico Big Ben, Parlamento e Westminster.

Nenhum deles estava, no entanto, com qualquer vontade de se levantar da fria escadaria onde se encontravam.

Antes que o Diogo o fizesse, a Sara decidiu interceder: "Já alguma vez tiveste a sensação de estar à espera que a tua vida comece a qualquer momento?", ao que - após uma pausa cuja duração depende grandemente do que cada um considere desconfortável - ela acrescentou: «Sabes, é aquela sensação que aparece quando tu olhas para trás e comesças a resumir tudo o que a tua vida foi até aí. Tentas resumir as coisas todas que já fizeste e pensas nos projectos que já sonhaste e ainda queres completar. E aí apercebes-te que não tens tantas coisas já feitas para pesar contra aquelas que ainda queres fazer, percebes? A balança tende a pender para as expectativas que ainda alimentas e não para as coisas que já devias ter feito.»

Após concordar consigo mesmo que ela não diria mais nada, o Diogo respondeu: «Bem, tu tentas, não é? Quero dizer, as pessoas tentam. Fazem aquilo que têm a fazer para se sentirem felizes; acho que a partir daí não se pode esperar mais nada, pois não?»

Ela respondeu: «Sim, eu sei. As pessoas planeiam, as pessoas congeminaem, e tentam arranjar a coragem e determinação para conseguirem prosseguir com os seus planos. Não que essas coisas sejam assim tão organizadas. Não são propriamente mapas para a realização pessoal». Tentava imaginar todos aqueles que, tendo apontado todas as suas expectativas realistas e não realistas à felicidade, tinham atingido a união em contentamento com o cosmos. Era reconfortante acreditar tais coisas possíveis. «É que repara; todas estas pessoas que acordam um dia com o projecto repentino de serem felizes nem sempre o conseguem realizar. Aliás, a maior parte delas nunca o consegue. Tenho essa sensação; por mais que tentes, tens para aí uma probabilidade de oitenta por cento de não conseguir. Parece uma espécie de

conspiração cósmica cujo único final é desequilibrar a balança a favor dos poucos afortunados que conseguem ser genuinamente felizes. É a maior lotaria de todos os tempos.» Por esta altura, já ela sorria. «Sinceramente, não sei como é que as pessoas se conseguem ainda aguentar com a falta de sentido que tudo isto tem. E olha que eu não sou uma niilista.» Isto já mereceu uma gargalhada, por parte dos dois.

«A única forma de remares contra a maré é continuar a tentar, se é que tens a mínima ideia do que precisas fazer.» Ele pensou um pouco e concluiu: «Eu também não faço a menor ideia do que ando para aqui a fazer, e sabes que no meu caso as coisas são bem mais complicadas... Eu acho que a chave é acordar todos os dias com todas as possibilidades presentes. Sentir que a qualquer momento, mais tarde ou mais cedo, vai acontecer aquela coisa que vai mudar a tua vida.»

Vendo o olhar céptico com que a Sara o banhava - as suas sobranceiras mais rectas que uma tábua de madeira -, o Diogo resolveu lançar a salvaguarda: «Eu sei que isto é tudo muito idealístico e cor-de-rosa, mas é que tem mesmo de ser assim. Se achas reduzida a probabilidade de ser optimista, tentar e mesmo assim não conseguir, então imagina como deve ser se nem sequer tentares. E como não acho que algum de nós tenha a imensa sorte de levar com algo de grandiosamente bom em cima sem sequer se aperceber... Já estás a perceber a ideia?» Desta vez a pausa foi consideravelmente maior, como se ambos ponderassem no seu destino dantescamente delineado pela fortuna arbitrária.

«Acho que precisamos os dois de mudar de vida.» Ela tinha a distinta sensação que precisava de dizer algo de muito profundo, por isso hesitou e depois prosseguiu. "Precisamos de uma fasquia, uma meta. Eu sempre achei que as coisas são mais fáceis de fazer se tivermos um objectivo em mente.»

Agora, a Sara encontrava-se um pouco irrequieta, mudando de posição com alguma rapidez, ajeitando a forma como se encontrava sentada. Estava entusiasmada com as possibilidades que daqui poderiam advir.»

Era este o momento de anunciar a sua vontade, a revelação em que tinha meditado.

A rebeldia no exercício da função divina excitava-o, ainda mais por saber como este prazer herético poderia encolerizar outros. Sentia o peso do seu entendimento com uma vida própria, começando e acabando na sua caneta; esta a sua intenção, o papel o seu mundo.

«Da terra acastanhada que perto de ambos cobria o chão, das barreiras de listas diagonais vermelhas e brancas que bloqueavam o acesso ao local das obras, mesmo das máquinas escavadeiras, ou seja, da desordem extrema que ali habitava,

uma coisa sobressaía.

Como que persuadindo a terra castanha a ser simultaneamente o seu pódio e expositor, uma lata de sopa Campbell's evidenciava a sua voluptuosa importância no plano da criação, tanto quanto um ser perfeitamente consciente do seu lugar privilegiado na existência terrena.

Não resistindo à tentação sumptuosamente colocada à sua frente, a Sara levantou-se e agarrou a lata, agachando-se previamente para conseguir alcançar o tesouro, por detrás da barreira vermelha e branca. Trouxe-a para junto do Diogo, dando-lha para segurar.

«Aqui tens, uma pequena dose de providência divina.», disse a Sara, sorrindo da mesma forma que o faz quem carrega com leveza o destino dos homens. «Vê», sugeriu simplesmente.

Ao segurar de facto a lata com cuidado - esta estava aberta, embora obviamente vazia a avaliar pelo seu peso. Sabe-se lá, afinal, quem ou o quê poderia ter dali comido -, o Diogo pôde examiná-la.

A lata era de sopa de tomate que, se ele bem se lembrava, era uma das variedades originais usadas nas serigrafias de Andy Warhol, juntamente com creme de cogumelos, cebola e feijão preto, entre outras que ele não se lembrava.

Na tampa - agora ligeiramente amolgada pela abertura da lata - lia-se, em letras brancas enclausuradas num círculo vermelho, *Bursting with Meal Ideas*. Virando a lata ao contrário, no fundo, podia ler-se algo extremamente anacrónico que o Diogo julgava ser o número de série. Logo abaixo, estava a data de validade, OCT200211.

Depois de esperar ansiosamente que o Diogo terminasse a sua perspicaz análise, a Sara disse «Sabes o que isso é? Tens aí a nossa fasquia».

Ligeiramente confuso, sem a mínima noção daquilo que ela queria dizer, o Diogo expressou uma face de incompreensão que forçou a Sara a explicar o que acabara de congeminar. «Passo a explicar: precisávamos de um prazo para fazer a transformação nas pessoas que nos queremos tornar, certo? Aí tens. Estás a ver essa data? A data de validade da sopa? Acaba, ou melhor, acabaria daqui a um mês, mais coisa menos coisa. Achas que um mês chega?»

O mistério adensava-se, e o Diogo não estava sequer mais perto de compreender o que quer que fosse. «Mas um mês o quê? Não estou a perceber. Queres um mês para fazer o quê ao certo?»

A Sara decidiu explicar a sua ideia como se explicam os dogmas da mecânica quântica a uma criança de cinco anos. «Olha lá; tu queres continuar a viver assim até ao fim dos teus dias? Nessa forma que tu dizes que gostavas de mudar?». Não lhe deixou escolha, pelo que o Diogo respondeu «Não, queria mudar as coisas.», e antes

que ele pudesse dizer mais qualquer coisa que fosse, ela completou: «Aí tens, não queres continuar assim. Eu também acho que não vale a pena. Por isso é que sugeri o prazo de um mês.» Acalmou-se, respirou e continuou, com a graça de quem chega à conclusão de um enigma sobre o qual reflectiu durante horas. «Se daqui a um mês não tivermos conseguido dar uma volta definitiva às nossas vidas, uma volta que nos leve para onde queremos ir, matamo-nos os dois.»

A calma com que ela proferiu esta sentença deixou o Diogo num estado que escassamente poderá ser descrito recorrendo a eufemismos.

A Sara esperou um pouco, para deixar a sua última afirmação ser digerida, não sabendo sinceramente que cara fazer deparada com a expressão exangue do Diogo.

Mesmo assim, continuou: «Acreditamos os dois na vida depois da morte, não é? Então o que é que nos impede de cometermos suicídio se não estivermos satisfeitos com esta? Para além disso, nenhum de nós acredita no inferno, por isso não temos a desvantagem de sermos castigados por provocarmos o nosso próprio fim. Acho que é só morrer e acordar depois com o cadastro em branco.»

Do Diogo, podia-se dizer que este tipo de pensamentos o divertia. Havia qualquer coisa que o seduzia num ser que fantasia acerca do seu próprio fim.

Dessa forma, depois de ter terminado de ouvir a proposta que acabara de ser feita e, como já foi demonstrado, de ter tomado plena consciência do quanto esta o divertia, decidiu finalmente pronunciar-se: «Ok, acho bem. Na lata diz um mês, certo?». Encontravam-se no início de Setembro, do mesmo ano em que a validade da sopa expirava, pelo que esta lhes deixava, de facto, um mês.

Recomeçando a sorrir, ela respondeu «Certo, um mês.»

Levantou-se, estendendo a mão ao amigo. «Agora já podemos continuar a passear.»»

*

Cada fragmento de ser que constitui cada humano, cada pedaço de ser, sente o todo de forma diferente. Cada evento que constrói aos poucos uma vida, cada tragédia, cada euforia, pode ser visto e sentido de todas as formas.

Três almas sentem e choram, sorriem e gritam, amam, todas sobre uma diferente tela.

Três almas inundam o mundo com o seu ego, com três diferentes moldes.

Três almas olham o mesmo voo de uma ave e nele lêem diferentes presságios.

Uma delas, o Gabriel, fazia-o à sua maneira particular.

O que o sustinha, o que o permitia coexistir consigo mesmo, era o seu

incomensurável talento de solidão acompanhada. É uma estranha designação para tão estranha metáfora, mas aquilo que todos conheciam como a existência dele nada mais era que uma elaborada colagem de percepções.

A forma como, sem os outros, ele respirava vida, residia na mesma forma como captava o mundo que via, ouvia, e sentia.

Uma mãe que sorri de braços abertos, ao ver o seu pequeno filho a correr na sua direcção - sentia o amor da mãe; sentia a euforia do filho; sentia o calor do sol que brilhava sobre ambos e o fresco orvalho da relva a seus pés. A sua mente era uma tela que se preenchia imediatamente com cada sensação, percepções cristalizadas, uma e outra, vindas de todos os caminhos dos ventos.

Ele podia ir sozinho ao cinema, saborear uma chávena de café com os seus pensamentos, mas era o fumo do seu cigarro que lhe fazia companhia; essa parte dele que se expande e convida, que preenche o todo com a sua essência. Um fumo que sobe e avança, que encontra risos e olhares, gestos e palavras; o todo de outros que se identifica com o seu.

Para lá do algodão existem os outros, mas por detrás dele existe apenas o Gabriel.

As suas lágrimas eram a presunção de todos aqueles que julgavam saber, a fonte de mil prismas por onde ele observava. Ninguém sabia quão onnipresente a sua consciência era. Ninguém sabia o peso que isso acarretava.

*

Dying

Is an art, like everything else.

I do it exceptionally well.

Sylvia Plath

«Lady Lazarus»

Quando acorda, ele abre os olhos e reconhece o seu quarto. No entanto, a sombra da dormência não o abriga por muito mais tempo.

Antes de tomar consciência da natureza daquilo que sente, reconhece o pânico que o eleva. Nunca precisa esperar muito, ela está sempre lá.

Leu, certa vez, aquilo que Virginia Woolf sugeriu encontrar-se depois da nossa mente, a camada de algodão que rodeia o nosso intelecto, a fronteira que separa o nosso mundo do mundo dos outros. Essa fronteira etérea impede a expansão da nossa mente, delimitando-a.

Para o Gabriel, aquilo que encontra quando abre os olhos pela manhã - esse

resquício de noite e promessa de luz - é o seu mundo negro, a promessa que este o afogará.

Ele não sente uma camada de algodão, mas uma parede de vidro que entorpece a sua percepção de tudo aquilo exterior a si.

Claustrofóbico no seu pequeno mundo, encerrado em vidro por essa primeira luz da manhã. Assim começa o dia.

O pânico que sente atinge-o com o peso renovado de cada dia. Nunca sentirá o refúgio do hábito, nunca a rotina diminuirá a monstruosa sensação que acomete todos quantos vivem com a depressão.

Não mascarando a cobardia do seu abrigo na escrita com sentimentos de revolta e coragem, ele eleva-se da cama e dirige-se à secretária junto à janela, banhada pela aurora.

Decide mais uma vez escrever.

«O Diogo acordou sobressaltado. Na cama ao lado, a Sara dormia, profundamente.

Estava a transpirar; na verdade encontrava-se completamente ensopado, a sua *t-shirt* pegada ao corpo. Sentou-se na cama, respirando de forma irregular. Repousou a sua cara entre as mãos e tentou inspirar profundamente. Sentia a cabeça pesada, provavelmente sintoma da falta de descanso. Tinha-se deitado cedo - voltou para o hotel antes da Sara -, mas não adormeceu antes das quatro da manhã. Pela altura que acordou, o relógio de pulso indicava-lhe as sete horas e vinte e oito minutos.

Tinha ficado tanto tempo acordado a pensar em tudo o que se tinha passado nesse dia, que mal tinha dormido. Não conseguia deixar de analisar e reconsiderar a proposta que a sua melhor amiga lhe tinha feito. Tentava reviver cada palavra proferida frente à National Gallery, tentando lembrar o peso com que cada uma tinha sido inculcada. E a conclusão a que chegou, pouco antes de o seu corpo ter caído na inércia do sono, foi que não sabia o que fazer com a proposta.

A necessidade de mudança motivava-o, mas ele sabia que não conseguiria fazer o que quer que fosse. Não era o tipo de pessoa de tomar decisões, não daquelas que mudariam a sua vida por completo. Tinha pena, de facto tinha, mas não era.

Esta apatia aterrorizava-o por vezes, esse reconhecimento de inaptidão. Por mais que se esforçasse sabia que, no futuro próximo, tudo ficaria na mesma. E esta apatia que partilhava no seu amor por si mesmo, partilhava-a para com os outros. A ausência de sentimento, de sensação com que vivia, preenchia-a com algo diferente, fantasias de sensações superiores. Era esse, então, o pano de fundo de todos os seus sonhos românticos de mortes prematuras, o artista que morre jovem no auge da sua

existência. O único problema que aqui se pousava consistia no mero facto de, caso algum dia decidisse agir sobre esse impulso, não ser minimamente pelos mesmos motivos mais ou menos beneméritos que aqueles com quem sonhava.

Aqueles que pensava terem tirado a sua própria vida ainda jovens, fruto da vontade planeada, tinham vivido em pleno. Tinham sentido tudo aquilo que achavam valer a pena. Ele não.

Ergueu-se então da cama e dirigiu-se para a casa de banho do quarto. Quando lá chegou, fechou a porta atrás de si, da forma mais silenciosa que conseguiu, e sentou-se numa cadeira que lá se encontrava.

Sabia aquilo que queria fazer, e desta vez fá-lo-ia. Por isso, abriu a pequena mala que se encontrava à sua esquerda, onde guardava todos os seus produtos de higiene, e de lá tirou a caixa onde repousavam todas as lâminas sobresselentes com que havia de fazer a barba. Partiu um dos caixilhos, no qual estavam presas três lâminas paralelas, e retirou uma delas. Deitou todo o restante aparato para o chão.

A estreita lâmina repousava na sua mão direita. Ele olhava-a e sentia a sua vaga metálica de frio. Fechou a mão, e o frio foi substituído pelo calor do seu sangue, que agora começava a pingar por cima do tapete a seus pés - ele gostava da sensação.

Abriu a mão e, da mescla vermelha que a ensopava, pescou a lâmina que nada retinha do seu brilho original. Segurando-a entre o dedo indicador e o polegar, ponderou que fazer a seguir. Decidiu-se.

Estendeu o braço esquerdo à sua frente, com a palma da mão virada para cima, e encostou-lhe a lâmina, mais perto do antebraço que da mão. Não foi preciso fazer muita força para que o sangue começasse a escorrer - um quente e vermelho fio, que cedo abençoou o chão com a sua dádiva.

Sentia uma imensa excitação com tudo isto. Aquilo que inicialmente não passava de uma vontade, transmutara-se numa panóplia de sentimentos, uma explosão de sensações. Excitação e vitória. Sentia-se, acima de tudo, vitorioso. Vitorioso por ser levantado até um plano onde tudo aquilo que queria era possível, um local onde podia ser aquele que quisesse. Queria sentir, sentia, e com soberba satisfação.

Não teve tempo para mutilar-se ainda mais.

Fora da casa de banho, passos anunciavam uma presença; algo se movimentava e enchia o ar, com os seus julgamentos, as suas opiniões - inaudíveis a todos, mas tatuadas no cerne do Diogo; fracos juízos de tudo aquilo que ele nunca alcançou. O Diogo sentia a censura, toda aquela censura. Conseguia sentir todo o ímpeto daquele ser que veio pará-lo. Como se atrevia?! Ousava esse ser conhecer aquilo que se passava na sua mente? A presunção fazia-o sorrir.

Bateram três vezes à porta, e esta abriu-se.»

A caneta tremia na sua mão, ao mesmo tempo que batia no papel, produzindo um som oco - batidas na madeira.

As últimas linhas ficaram registadas num tom decrépito e inconstante. Sentia o medo e culpa que expulsam as lágrimas, que tornam os homens nas mais inexpressivas das criaturas. Afogava-se em angústia, sem a permissão para chorar a sua morte.

Levantou-se violentamente da cadeira, vestiu-se e saiu de casa. Penetrou o frio do Inverno com passos incertos.

*

Errou por algum tempo em desespero, toda a cidade flutuando à sua volta, embalando a sua ingloria.

Encontrou o rio que atravessava um parque próximo, e olhou-o com a face gélida do ar nocturno.

Nesse momento, não podia ele próprio sentir o alento da sensação forçada, a justificação do niilismo humano. A única coisa que conseguia de facto reconhecer era a asfixia daquele momento. Queria inspirar e preencher o seu corpo com algo real, mas não conseguia. Aquilo que crescia era o pânico, vertendo de tudo à sua volta. Tudo parecia querer dominá-lo, tudo parecia querer suprimi-lo em direcção à nulidade.

O seu mundo ruía perante si, apenas com a promessa segura de soterrá-lo.

Implorava por salvação, algo que o levasse de toda aquela crueldade sem nome. Não via nisto qualquer propósito, apenas uma inabalável noção de pânico.

Viu o rio como libertação. Entrar na sedutora água e deixar-se ir, como isso seria um alívio... Por vezes morrer é a única atitude corajosa a tomar.

O rio convida-o, com a maquiavélica garantia do descanso que todos lhe deviam.

O rio diz-lhe ser ele aquele que o ama, aquele que o acolherá. O Gabriel decidiu seguir o seu amante, e nele entrou.

Sentiu o rio tomá-lo nos seus braços, embalá-lo na sua gélida comoção, assegurando-o com todas as promessas mortais de redenção. Nunca o abandonaria, sempre lhe asseguraria a imortalidade.

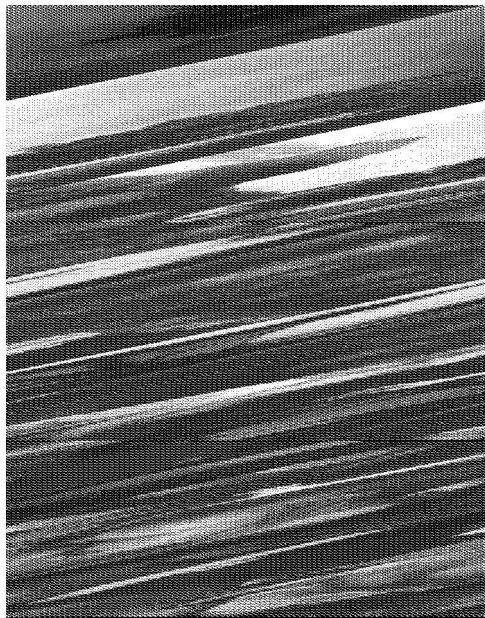
Quando o Gabriel sentiu a inconsciência inundá-lo, libertou-se.

O verdadeiro altruísmo reside na completa abnegação de qualquer glória. O verdadeiro altruísmo nunca é reconhecido. Esta verdade nem todos trespassa, mas salvou o Diogo.

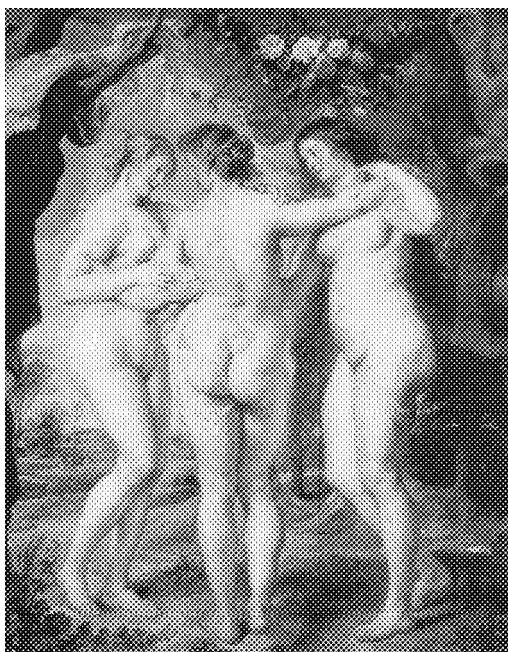
Nem todos os Deuses são tão bondosos quanto o Gabriel foi, nem todos quantos podem o fazem. Ele fê-lo. Fê-lo por ele, fê-lo pela sua criação, o barro que moldou com a metáfora escrita. A sua morte, a vida dele.

Glória aos incautos.

O FIM



Correggio, *Noli me Tangere*, Tábua transposta para tela, 130 × 181 cm



Rubens, *As Três Graças*, Óleo sobre madeira, 221 × 181 cm